

PARA COMPREENDER O JORNALISMO LITERÁRIO E SUAS MANIFESTAÇÕES



BRUNO PESSA

*Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo – SP
– Brasil*

ORCID: 0000-0002-1636-0997

DOI: 10.25200/BJR.v20n1.2024.1637

Recebido em: 04/08/2023

Desk Review em: 12/10/2023

Editor de Desk Review: Laura Storch

Revisado em: 22/01/2024

Aprovado em: 29/01/2024

Como citar este artigo: Pessa, B. (2024). TO UNDERSTAND LITERARY JOURNALISM AND ITS MANIFESTATIONS. *Brazilian Journalism Research*, 20(1), e1637. DOI 10.25200/BJR.v20n1.2024.1637

RESUMO – Procedendo a uma sistematização realizada a partir de revisão bibliográfica, o artigo focaliza o jornalismo literário, prática situada na confluência do jornalismo com a literatura, buscando compreendê-lo em suas manifestações. As possibilidades e divergências conceituais que o cercam, na miríade de termos relacionados, transmitindo distintas noções e ênfases. Os antecedentes no Brasil, EUA e mundo de maneira geral, e alguns caminhos para o aprofundamento a partir das questões norteadoras do lead, segundo a metodologia de Roberto Herrscher. O distanciamento do jornalismo literário em relação ao hegemônico jornalismo de pirâmide, sem a pretensão de substituí-lo, assim como as duas facetas com as quais se expressa: realista/empiricista (narrador como observador da realidade) x modernista/fenomenologista (narrador como cocriador da realidade).

Palavras-chave: Jornalismo Literário. Jornalismo de Pirâmide. Roberto Herrscher. História do Jornalismo Literário.

TO UNDERSTAND LITERARY JOURNALISM AND ITS MANIFESTATIONS

ABSTRACT – Proceeding to a systematization carried out based on a bibliographical review, the article focuses on literary journalism, a practice situated at the confluence of journalism and literature, seeking to understand it in its manifestations. The conceptual possibilities and divergences that surround it, in the myriad of related terms, conveying different notions and emphases. The background in Brazil, the U.S. and the world in general, and some ways to go deeper based on the guiding questions of the lead, according to Roberto Herrscher's methodology. The distancing of literary journalism from the hegemonic pyramid journalism, without intending to replace it, as well as the two facets with which it expresses itself: realist/empiricist (narrator as an observer of reality) x modernist/phenomenologist (narrator as co-creator of reality).

Key words: Literary Journalism. Pyramid Journalism. Roberto Herrscher. Literary Journalism History.

PARA COMPRENDER EL PERIODISMO LITERARIO E SUS MANIFESTACIONES

RESUMEN – Procediendo a una sistematización realizada a partir de una revisión bibliográfica, el artículo se centra en el periodismo literario, práctica situada en la confluencia del periodismo y la literatura, buscando comprenderlo en sus manifestaciones. Las posibilidades y divergencias conceptuales que lo rodean, en la miríada de términos relacionados, que transmiten diferentes nociones y énfasis. Los antecedentes en Brasil, EE. UU. y el mundo en general, y algunas formas de profundizar a partir de las preguntas orientadoras del lead, según la metodología de Roberto Herrscher. El distanciamiento del periodismo literario del periodismo piramidal hegemónico, sin pretender sustituirlo, así como las dos facetas con las que se expresa: realista/empirista (narrador como observador de la realidad) x modernista/fenomenólogo (narrador como cocreador) de la realidad.

Palabras clave: Periodismo Literario. Periodismo Piramidal. Roberto Herrscher. Historia del Periodismo Literario.

1. Possibilidades e divergências conceituais

“Jornalismo literário” não é uma expressão fácil de definir, em face da diversidade de conceitos e ideias associadas a ela, que surgiram, se espalharam e ganharam predominância no entendimento de pesquisadores, praticantes e interessados pelo tema nas comunidades científica e profissional.

O professor de Comunicação estadunidense John Hartsock, autoridade no estudo da história e das manifestações do jornalismo literário, considera a falta de consenso sobre o significado da expressão um problema para a identidade do formato, que é encarado com incerteza. Prova disso são suas sentenças “jornalismo literário não é a designação universal para a forma!” (Hartsock, 2000, p. 3) e “jornalismo literário pode ter diferentes significados para diferentes pessoas e

diferentes significados em diferentes partes do mundo” (Hartsock, 2016, p. 3). O autor aponta que em coletâneas de publicações, assim como avaliações de eruditos, o termo “não-ficção literária” (*literary nonfiction*) performa tão ou melhor do que “jornalismo literário” no uso acadêmico. Diz, ainda, que há outros termos correlatos para o formato, como arte-jornalismo, novela de não-ficção, ensaio-ficção, ficção factual, jornalit, não-ficção jornalística, reportagem de não-ficção e *New Journalism*, sem fechar a relação de nomes (Hartsock, 2000).

Algumas dessas noções guardam aproximações, como veremos nas categorias temáticas agrupadas, e outras divergem bastante, revelando o quão elásticas são as possibilidades de interpretação. Vejamos como elas se apresentam e de quais autores provêm, considerando apenas seus nomes originados em ou traduzidos para o português, para o caso daquelas que internacionalmente se fizeram conhecer pela grafia em outros idiomas, como inglês (*New Journalism*) ou espanhol (*Periodismo Narrativo* e *Periodismo Informativo de Creación*):

TABELA 1
Tipos de Jornalismo

Nome	Origem ou Autoria
Arte-jornalismo ²	Hartsock, 2000
Jornalismo Criativo	Bernal & Chillón, 1985
Jornalismo de Autor	Medina, 1996
Jornalismo Degustativo	Sônia Brito (registro oral)
Jornalismo de Desacontecimentos	Abib, 2015
Jornalismo de formato longo	Longhi & Winques, 2015
Jornalismo de/sobre literatura	Pena, 2006
Jornalismo de/sobre livros	Bulhões, 2007
Jornalismo Diversional	Melo & Assis, 2010
Jornalismo em livro	Bulhões, 2007
Jornalismo em Profundidade	Moraes & Ijuim, 2009
Jornalismo Humanizado	Ijuim, 2012
Jornalismo Informativo de Criação	Bernal & Chillón, 1985
Jornalismo Narrativo	Herrscher, 2012
Novo Jornalismo	Wolfe & Johnson, 1973
Parajornalismo	Wolfe & Johnson, 1973
Reportagem de Profundidade	Moraes & Ijuim, 2009

Fonte: O autor

TABELA 2
Gêneros Textuais

Nome	Origem ou Autoria
Conto-reportagem	Fernando Sabino e João Antônio (Nicolato, 2015)
Crônica ³	Candido, 1992
Ensaio-Ficção	Hartsock, 2000
Romance realista	Wolfe & Johnson, 1973
Romance-reportagem	Cosson, 2001

Fonte: O autor

TABELA 3
Variedades de Não-Ficção

Nome	Origem ou Autoria
Escrita Criativa de Não-Ficção	Talese & Lounsberry, 1996; Gutkind, 1997
Ficção Factual	Hartsock, 2000
Ficção Verossímil	Pinto, 2005
Literatura de Não-Ficção	Anderson, 1970; Lounsberry, 1990
Não-Ficção Criativa	Talese & Lounsberry, 1996; Gutkind, 1997
Não-Ficção Jornalística	Hartsock, 2000
Não-Ficção Literária	Hartsock, 2000
Narrativa da Vida Real	Réche, 2009
Narrativa de Não-ficção	Hart, 2021
Novela de Não-ficção ⁴	Hartsock, 2000
Reportagem de Não-ficção	Hartsock, 2000

Fonte: O autor

TABELA 4
Jornalismo + Literatura

Nome	Origem ou Autoria
Jornalit	Hartsock, 2000
Literatura da Realidade	Lima, 1993; Talese & Lounsberry, 1996; Gutkind, 1997
Literatura da Vida Real	Brum, 2017
Literatura de Complexidade	Silva, 2010
Literatura do Fato	Weber, 1980
Livro-Reportagem	Lima, 1993

Fonte: O autor

É um cardápio extenso, que oferece diversas opções “ao gosto do cliente”. Uma das prestigiadas no meio acadêmico da Comunicação brasileira é a que vincula o jornalismo literário ao jornalismo diversional, por ter como formulador um dos maiores nomes do pensamento comunicacional brasileiro: José Marques de Melo (1943-2018). Segundo Francisco de Assis (2014, p. 149), Marques de Melo situa o jornalismo literário como instrumento para a prática do jornalismo diversional, que é um dos cinco gêneros da imprensa brasileira ao lado do informativo, opinativo, interpretativo e utilitário.

Sucintamente falando, o jornalismo diversional refere-se à classe de matérias consideradas agradáveis, redigidas com recursos redacionais típicos da literatura e distanciadas do relato puro e simples que predomina no noticiário informativo. Corresponde, ao menos em partes, ao que mais comumente chamam de “jornalismo literário”, o que, a nosso ver, consiste em equívoco, uma vez que os conceitos relacionados ao referido termo o posicionam no plano dos recursos narrativos. Por isso mesmo, compreendemos que jornalismo literário consiste no arsenal técnico de que se valem os jornalistas para dar corpo ao gênero diversional (Assis, 2016, p. 149);

Assis adverte que a ideia de diversão subjacente à terminologia não corresponde à “mesma diversão jocosa que produtos de entretenimento ficcionais e lúdicos – tais como filmes, telenovelas, jogos, programas de auditório, entre outros – oferecem à sociedade. O termo mais adequado, talvez, fosse passatempo” (Assis, 2011, p. 3). O pesquisador resgata a de Marques de Melo, para quem

a natureza diversional desse novo tipo de jornalismo está justamente no resgate das formas literárias de expressão que, em nome da objetividade, do distanciamento pessoal do jornalista,

enfim, da padronização da informação de atualidade dentro da indústria cultural, foram relegadas a segundo plano, quando não completamente abandonadas. [...] O interesse do leitor por essas produções jornalísticas está menos na informação em si, ou seja, na essência do fato narrado, do que nos ingredientes de estilo a que recorrem seus redatores, despertando o prazer estético, em suma, divertindo, entretendo, agradando (Assis, 2011, p. 3);

Não se discorda da colocação de que as produções de jornalismo literário, geralmente, primam mais pelo estilo do que pela informação, e da constatação de que, em geral, a motivação principal dessas narrativas não está em apresentar dados novos, visto que em muitos casos se debruçam sobre fatos nucleares já conhecidos. Porém há casos em que os textos trazem informações desconhecidas, jamais tornadas públicas a um contingente disperso de leitores, o que permite a conclusão de que o interesse do leitor pode ser estimulado tanto pela qualidade literária e estética do texto quanto pelas informações que ele fornece, em medidas equilibradas. Exemplo clássico: o livro *A Sangue Frio* (1966), do estadunidense Truman Capote, cujo trabalho investigativo de fôlego revelou uma série de detalhes sobre o crime que motivou a obra e acerca de seus praticantes confessos.

Assis explicita a diferença ontológica entre o jornalismo diversional e o literário, na sua avaliação:

Defendemos que o primeiro dos termos (diversional) se configura como gênero, tendo sua forma orientada ao cumprimento de uma função, ao passo que o outro (literário) consiste em técnica narrativa, da qual se valem os repórteres quando põem em prática matérias capazes de informar e divertir a um só tempo (Assis, 2015, p. 31);

Essa definição para jornalismo literário não é adotada por este pesquisador e, como tantas outras, está longe de ser consensual. Aplicável a qualquer área de cobertura jornalística, o jornalismo literário também pode ser entendido como um gênero híbrido, caracterizado pela intersecção entre práticas do jornalismo e da literatura, como conceitua o pesquisador brasileiro Mateus Yuri Passos: modelo jornalístico distinto que abarca um conjunto diverso de gêneros enunciativos situados na fronteira entre jornalismo e literatura (Passos, 2014, p. 1). Leitura semelhante faz o estudioso português Manuel Coutinho, para quem o jornalismo literário não pode ser considerado um gênero exclusivamente jornalístico nem unicamente literário, pois ele bebeu de ambas as fontes e “aprendeu”

com ambos os gêneros, “sabendo retirar o melhor que cada um pode oferecer aos seus leitores e escritores” (Coutinho, 2018, p. 18).

É uma visão que coloca jornalismo e literatura como protagonistas, com a mesma importância e espaço para brilhar no palco do texto final. Diferente das interpretações que consideram um campo tributário do outro, como o jornalismo à moda literária - jornalismo que emprega técnicas e estilos originários da literatura -, e a literatura à moda jornalística - literatura que emprega técnicas e estilos “emprestados” do jornalismo. Tal perspectiva também é apontada por Rogério Borges (2013) e adotada por Cíntia Conceição e Myrian Del-Vecchio Lima (2020), defensoras do jornalismo literário como lugar autônomo, que se vale das fontes da literatura e do jornalismo, transformando-se em algo híbrido e único. Para Borges (2013, p. 304-305), ele é

um terceiro discurso que presta seus devidos tributos ao jornalismo tradicional – comprometido em enunciar, dentro do possível, a realidade dos fatos – e vinculando-se, por outro lado, também à criação literária – estabelecendo-se sob influências –, mas promovendo rupturas com ambos, com semelhanças e diferenças simultâneas;

A noção de que a literatura qualifica o jornalismo, como um adjetivo que lhe confere status superior, na compreensão do que seja o jornalismo literário, aparece na conceituação encontrada em “Páginas Ampliadas”, obra fundadora da apreciação acadêmica do gênero no Brasil: “narrativa jornalística que emprega recursos literários” (Lima, 2009, p. 183). É uma noção que olha para a expressão “jornalismo literário” e enxerga, sem margem para outras interpretações, o jornalismo como substantivo e a literatura como adjetivo, como se dissesse “esse jornalismo tem características da literatura, logo, é literário”. A leitura inversa, do jornalismo adjetivando o substantivo literatura, também é cabível, como vemos na tese de doutorado de Raquel Wandelli Loth (2014), mencionando a “literatura-jornalismo” (p. 95).

Prosseguindo nessa noção de Lima, com o qual o autor deste artigo se identifica, ela embute a ideia de que há um fazer jornalístico, primeiramente, e que seu desenvolvimento carrega aspectos literários. Defensor da legitimidade da expressão jornalismo literário, o escritor e editor estadunidense Thomas B. Connery alega que as obras atribuídas a essa forma literária não são ensaios ou comentários, mas conteúdos que resultam dos tradicionais meios de coleta e relatos de notícias (Hartsock, 2000, p. 5). Ou seja, textos

que exprimem a feitura de um trabalho jornalístico de determinada maneira. Não à toa, é a classe dos jornalistas, que exerceram a prática profissional do jornalismo em algum momento, que tende a usar e a defender a expressão, segundo John Hartsock (p. 9).

De acordo com Connery, o jornalismo literário “pode brevemente ser definido como uma prosa impressa de não-ficção cujo conteúdo verificável é conformado e transformado em uma história ou esboço pelo uso da narrativa e técnicas retóricas geralmente associadas com a ficção” (Connery apud Hartsock, 2000, p. 10). Hoje em dia, não cabe restringir esse tipo de prosa ao meio impresso, porém os demais elementos da definição continuam atuais. Mas se por um lado os estudiosos de jornalismo, como o próprio Connery e Norman Sims, adotam a expressão ‘jornalismo literário’, os acadêmicos filiados aos estudos ingleses, como Barbara Lounsbury e Chris Anderson, discordam e preferem utilizar o termo ‘não-ficção literária’ (p. 6).

John Hartsock diverge de Thomas Connery, pois entende que o ensaio e o comentário jornalístico também podem ser vistos como tipos de jornalismo literário. Hartsock aponta que a denominação ‘literário’ carrega problemas, a começar pela definição do que de fato constitui literatura (Hartsock, 2000, p. 11). Sendo assim, prefere utilizar ‘jornalismo narrativo’, ‘jornalismo narra-descritivo’ ou ‘jornalismo literário narrativo’, visto que os textos sob essas denominações são mais fundamentalmente narrativos do que discursivos, além de terem, como autores, jornalistas ou escritores publicando em veículos jornalísticos. Porém reconhece a natureza problemática da nomenclatura e não intenta resolvê-la de vez - decisão sensata.

Para o português Manuel Coutinho, uma possível razão para o debate frequente em torno do termo jornalismo literário é a grande diferença entre literatura e jornalismo, pois, “quando ambos são considerados no mesmo argumento, é expectável que seja para acentuar as suas diferenças e não as semelhanças” (Coutinho, 2018, p. 9). Segundo o autor, “o jornalismo literário procura indicar uma narrativa jornalística que usa e explora elementos literários que normalmente associamos apenas à literatura. Esta breve descrição, apesar de tudo, acentua ainda mais quão distintos a literatura e jornalismo são um do outro” (p. 9).

As divergências interpretativas sobre o que se entende por jornalismo literário não pararam no final do século 20. Os pesquisadores

estadunidenses Norman Sims e David Guy Myers, por exemplo, debateram publicamente em 2012, expondo suas visões contrastantes por meio de artigos. Myers “iniciou a contenda”, postando no blog *Literary Commentary* que não há nada que diferencie o jornalismo “literário” do jornalismo de qualquer espécie (Myers, 2012, online). Para este autor, o jornalismo literário como modalidade específica é uma falsa pretensão, uma aspiração a uma categoria superior que alimenta o ego, pelo ar de sofisticação que o rótulo carrega. Sua defesa é a de que o jornalista se esforce para escrever bem, deixando a questão da literatura para os críticos literários.

Autor e organizador de livros sobre jornalismo literário, Norman Sims foi convidado, pelo NBCC (*National Books Critics Circle*), a responder a Myers. Sims inicia sua contestação apontando que o adjetivo literário é útil, para localizar e diferenciar o jornalismo literário. Recorre à definição da IALJS (*International Association of Literary Journalism Studies*) para esclarecer que, “para fins de delineamento acadêmico, nossa definição de jornalismo literário é ‘jornalismo como literatura’ em vez de ‘jornalismo sobre literatura’.” (Athitakis, 2012b, online). Como historiador do formato, Sims arroga-se o direito de utilizar o termo jornalismo literário para classificar o trabalho de uma série de autores, que atendem a padrões acordados em comum, vigorosamente definidos por uma comunidade internacional que dialoga sobre o tema de forma recorrente.

Mais um sentido para o termo: segundo o escritor, editor e tradutor estadunidense Eliot Weinberger, o significado de jornalismo literário nos Estados Unidos - reportagem que emprega muitas das técnicas narrativas de ficção - é diferente do que é entendido no restante do mundo: colunas de jornal escritas por poetas e escritores de ficção (Athitakis, 2012a, online). Sentidos bem diferentes. O que vamos considerar nesta reflexão está muito mais próximo do significado estadunidense, amplamente utilizado por acadêmicos e jornalistas fora dos EUA também, como pelos pesquisadores da IALJS, que conta com representantes de todos os continentes.

2. Caminhos para o aprofundamento

Para Sérgio Vilas-Boas, o jornalismo literário pode ser entendido como uma filosofia e uma técnica: “filosofia do aprofundamento e técnica (narrativa) literária” (Vilas-Boas, 2003, p. 10). O jornalismo

literário aprofunda porque realiza um registro expandido da realidade, interessado mais nos processos e na vida humana em movimento em torno dos fatos do que no relato dos fatos nucleares em si. Como se dá esse aprofundamento? Não há uma fórmula que dê conta de todas as possibilidades, mas o professor argentino Roberto Herrscher desenvolveu uma metodologia interessante, partindo das perguntas clássicas que dão corpo ao *lead*, justamente a cabeça da pirâmide invertida, modelo hegemônico do jornalismo contemporâneo, como discutiremos mais adiante. O interessante dessa teoria foi unir formatos que via de regra são considerados opostos, tratados de forma antagônica: jornalismo literário e jornalismo de pirâmide.

Herrscher começa indicando que está convencido de que a forma de escapar do “espartilho” construído pelas seis perguntas clássicas do *lead* (O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê?) não é deixá-las de lado, como se não tivessem existido. Porém tomá-las como base para formular perguntas muito mais amplas. Assim, Herrscher apresenta três níveis de profundidade para cada uma das seis questões, sendo o primeiro o mais simples, definindo a pergunta com precisão, o segundo um grau de profundidade maior e o terceiro uma etapa mais abrangente ainda, adentrando na esfera de ação do jornalismo literário. Esses níveis são apresentados, para as perguntas do *lead*, na sequência de tabelas adiante, com exemplos de questões cabíveis para cada nível de aprofundamento:

TABELA 5
Aprofundamento da pergunta O QUÊ?

Pergunta	O QUÊ?
1º nível de profundidade	O que aconteceu?
2º nível de profundidade	O que aconteceu realmente? Temos certeza? Como sabemos? Quem nos disse? Que provas há?
3º nível de profundidade	O que sabemos que aconteceu? O que relatamos? Isso é digno de aparecer no nosso veículo de comunicação? É notícia? Até onde o jornalista tem direito e obrigação de chegar e revelar nesse caso?

Fonte: Herrscher (2012, p. 41-42).

TABELA 6
Aprofundamento da pergunta QUEM?

Pergunta	QUEM?
1º nível de profundidade	Quem fez o quê a quem? Quem disse o quê de quem?
2º nível de profundidade	Quem é essa pessoa de verdade? Por quê é interessante e singular? Quão conhecido é? Quão poder, prestígio e influência detém? Que cargo(s) ocupa? De que grupo(s) faz parte? Que alcance têm suas atitudes e discursos? Fala em nome de alguém?
3º nível de profundidade	Quem é notícia? De quem estamos falando? Como conhecemos essa pessoa? Com o que ela se identifica? O que a identifica? Com o que ela se importa? Quais são suas histórias? Ela se opõe a quem?

Fonte: Herrscher (2012, p. 44-45).

TABELA 7
Aprofundamento da pergunta ONDE?

Pergunta	ONDE?
1º nível de profundidade	Em que lugar aconteceu o fato?
2º nível de profundidade	Quais foram os lugares de ocorrência e de anúncio dos fatos?
3º nível de profundidade	Como descrever um lugar para que o leitor seja transportado e se sinta lá? (descrições, detalhes, aromas, ruídos...) Esse lugar remete a algum outro?

Fonte: Herrscher (2012, p. 47-48).

TABELA 8
Aprofundamento da pergunta QUANDO?

Pergunta	QUANDO?
1º nível de profundidade	Em que dia e hora aconteceu o fato?
2º nível de profundidade	Detectar o tempo objetivo e o subjetivo. O tempo da ocorrência é o mesmo do que é lembrado por quem relata a ocorrência, tendo presenciado ou não?
3º nível de profundidade	Captar o espírito de uma época. O que caracteriza esse momento histórico da ocorrência do fato? Qual a relevância atual de um fato do passado? O quanto ele é lembrado? Ele é importante por ter ocorrido ou pela força com que é lembrado?

Fonte: Herrscher (2012, p. 50).

TABELA 9
Aprofundamento da pergunta COMO?

Pergunta	COMO?
1º nível de profundidade	De que maneira se produziram os fatos? (detalhes e cronologia dos acontecimentos)
2º nível de profundidade	Aprofundar o 'como' permite entender o 'o quê'. Detalhar os fatos, descrever, contar, dar o contexto.
3º nível de profundidade	Traga a história completa: como tudo aconteceu? Me conte, aprofundando e submergindo na narração

Fonte: Herrscher (2012, p. 52).

TABELA 10
Aprofundamento da pergunta POR QUÊ?

Pergunta	POR QUÊ?
1º nível de profundidade	Por qual razão, para servir a qual interesse, propósito ou sentimento?
2º nível de profundidade	Quais foram as razões ditas? Há razões ocultas? Quais seriam? Quais seriam as razões de determinados grupos? As causas e consequências?
3º nível de profundidade	Por que os envolvidos no fato atuaram dessa maneira? Quais as lógicas que operam para determinados grupos e em certos momentos? Por que eu estou contando? Por que eu estou contando dessa maneira? O que é compreensível para épocas e grupos distintos?

Fonte: Herrscher (2012, p. 53-54).

O aprofundamento proposto por Herrscher amplia o foco dos questionamentos acerca do fato gerador da notícia, como vemos na tabela 1, que apresenta perguntas voltadas não somente para o objeto da investigação jornalística, como também para o ato da investigação em si e a conduta do sujeito que investiga, sugerindo reflexões que adentram a ética e a deontologia jornalísticas (“Até onde o jornalista tem direito e obrigação de chegar e revelar neste caso?”), também presentes na tabela 6 (“Por que eu estou contando dessa maneira?”). Por sua vez, a tabela 2 amplifica a inquirição sobre o autor do fato noticioso, para que se ilustre seu status e condição social, o que inevitavelmente joga luz sobre atributos como fama e popularidade, que o jornalismo tradicionalmente considera como valores-notícia, segundo a conceituação do português Nelson Traquina (2005).

O terceiro nível de profundidade para a pergunta “Onde?”, na tabela 3, remete a um recurso muito caro ao jornalismo literário, que é a descrição, campo aberto para o exercício da liberdade autoral por meio do emprego variado de símbolos, figuras de linguagem e estilo. Motta (2004) nos esclarece que, se por um lado a narração é dominada “pelo relato de eventos que configuram o desenvolvimento de uma ação temporal que estimula a imaginação” (Motta, 2004, p.3), a descrição, por outro, representa “um momento único, estático, temporalmente suspenso, que procura ‘naturalizar’ o discurso

e criar o efeito de real pelo excesso de informações geradoras de verossimilhança” (p.3).

Já as questões derivadas do tempo do fato (tabela 4) se vinculam às noções de testemunho e memória, também muito exploradas pelo jornalismo literário, especialmente a memória e a história oral, como vimos, por exemplo, em artigo publicado por Monica Martinez (2016), uma das referências na pesquisa acadêmica contemporânea sobre jornalismo literário no Brasil. Se o jornalismo, de modo geral, se relaciona com o tempo como narração da história do presente imediato, como traz Motta (2004, p. 24), o jornalismo literário estende a ideia de momento contemporâneo reportado, realizando uma cobertura menos fugaz, fugidia e provisória dos fatos, contextos e personagens sobre os quais se debruça, por se soltar das amarras inerentes ao jornalismo de pirâmide.

3. Distanciando-se do jornalismo de pirâmide

O autor argentino enumera cinco aspectos que definem um bom jornalista literário (não todos mas os principais, na sua avaliação): a voz, a visão dos outros, a forma com que as vozes ganham vida, os detalhes reveladores e a seleção de histórias, recortes e enfoques (Herrscher, 2012, p. 28).

Quando Herrscher fala de voz, quer dizer voz própria, o ponto de vista do narrador, ou seja, subjetivo, que é abafado pela normatividade objetiva do jornalismo de pirâmide. A ponto de as mídias informativas e demais produtos jornalísticos, fiéis à cartilha do jornalismo de pirâmide, justificarem sua existência e sua relevância social por oferecer “a realidade”, como destaca Bruno Souza Leal (2022), recusando o estatuto narrativo das informações jornalísticas que veiculam, para afirmar uma relação objetiva com a realidade que entende as notícias não como histórias, mas como relatórios impessoais dos acontecimentos. De maneira diametralmente oposta, o narrador é um personagem que inevitavelmente aparece nas histórias reais contadas pelo jornalismo literário pelo modo como a história é contada, desde as primeiras linhas, e durante o texto dialoga com o leitor.

“Visão dos outros” parte da constatação óbvia de que, embora o personagem do narrador seja sempre bem-vindo ao palco onde se desenrolam as cenas, esse palco não é cenário para um monólogo.

De modo que é fundamental trazer a visão dos outros, escutando-os com atenção, não apenas com os ouvidos atentos, mas também com a observação aguçada. A grande virtude nesse sentido é permitir que o leitor veja o mundo através dos olhos dos personagens participantes da história.

“Forma com que as vozes ganham vida” se refere ao tratamento que o jornalista confere às pessoas com quem conversa e interage, e acabam aparecendo no texto, seja com protagonismo ou não. Aqui, o ganhar vida pressupõe tratar esses sujeitos não como meras fontes, de onde provêm aspas e informações que o jornalista apura e transfere para a reportagem à sua maneira, como costumemente vemos no jornalismo de pirâmide. Significa vê-los como são do ponto de vista humano, ou seja, pessoas como nós. Que quando nos dizem algo, o fazem em determinado tempo e espaço, sob circunstâncias específicas, afinal suas declarações não existem por conta própria. São personagens que não fabricamos, pois são reais, mas trazemos para o texto com os traços e o colorido humano que os caracterizam.

“Detalhes reveladores” trata da minúcia na descrição, do faro aguçado para a observação de aspectos que não são elementos secundários de uma cena, porém ajudam a apresentar personagens, ocorrências, situações e episódios. Como escreve Herrscher, os objetos ganham vida, assim como as vozes, sob a pena de um narrador sensível, atento, aberto à expressão poética, por meio de sugestões, metáforas e outras figuras de linguagem. “Os detalhes reveladores são às vezes pequenas cenas, frases, imagens, coisas que escutamos, vemos, olhamos ou tocamos e que permanecem em nossa memória porque nos fazem perceber com os sentidos coisas que pensamos ou sentimos e que achamos difícil expressar”, explica Herrscher (Herrscher, 2012, p. 34).

Quanto a “seleção de histórias, recortes e enfoques”, o autor coloca que nem todos os fatos e histórias são capazes de se transformar em exercícios memoráveis de jornalismo literário, pois por mais brilhante que seja o trabalho do jornalista literário, há temas que, para usar uma constatação bem coloquial, não rendem. Temos que nos conformar com o fato de que há histórias que pedem e merecem ser contadas, outras não. Nem todo fato é notícia, conforme acepção trazida por Bruno Souza Leal (2022): a ideia da notícia como algo importante e excepcional pressupõe o entendimento de fatos e situações corriqueiras, comuns e comezinhas como uma espécie de superfície amorfa e difusa na qual o excepcional noticiável se destaca (Leal, 2022, p. 14).

O jornalismo de pirâmide continua sendo a mais eficiente maneira de informar notícias em primeira mão, de forma clara, sucinta e rápida, sobre tudo, absolutamente tudo, que seja considerado de interesse para o público. Um modo de noticiar consagrado no século 20 e nascido no 19, como invenção anglo-saxã, conforme Jean Chalaby (2003), que situa o surgimento da prática discursiva centrada nos fatos e marcada pela objetividade e a neutralidade. Se não fosse eficaz, não estaria consolidado por tanto tempo, como sinônimo de jornalismo convencional, não importa em que suporte seja produzido e veiculado.

O jornalismo literário, por sua vez, concretiza-se no texto narrativo, ao sabor das marcas de estilo do narrador, podendo incorporar diferentes técnicas literárias, como descrições, digressões, construções de cenas e diálogos, entre outras. A liberdade estilística ampla, bem como para fazer uso de um arsenal de recursos à disposição do talento e da criatividade dos autores, forma o cenário favorável para a elaboração de textos bem elaborados, vigorosos, que exemplificam a feitura de um jornalismo de qualidade enriquecido por uma estética literária apurada. Textos sofisticados e, dependendo da apreciação de quem avalia, artísticos. “A narrativa jornalística de melhor qualidade beira a arte, assume alguns dos nobres ideais de que esta pode revestir-se”, conforme afirma Edvaldo Pereira Lima (2009, p. 138). O autor nos diz que, “de todas as formas de comunicação jornalística, a reportagem, especialmente em livro, é a que mais se apropria do fazer literário” (p. 173).

Atuam em favor do jornalista literário, geralmente, condições de produção bem mais favoráveis ao labor mais refinado do que as enfrentadas pelos jornalistas que redigem para veículos periódicos, especialmente os diários e semanais, ainda mais quando um único redator acumula pautas para transformar em matérias dentro do mesmo espaço de tempo. Lima (2009, p. 192) nos conta que essa divisão de tarefas, dentro do jornalismo e mais especificamente das redações dos meios impressos, já aparecia na segunda metade do século 20, como uma distinção bem clara entre os responsáveis pelas pautas “quentes” (de prazo imediato) e “frias” (que poderiam ser convertidas em reportagens posteriormente, favorecendo a incorporação de recursos da literatura).

O vigor e o “sabor” da narrativa no jornalismo literário derivam fundamentalmente, também, da humanização que o narrador pratica em relação aos protagonistas e personagens do seu texto. Não por acaso, a humanização é um dos dez pilares do jornalismo literário, conforme formulação de Lima (2009), ao lado de: exatidão e precisão, contar uma

história, compreensão, universalização temática, estilo próprio e voz autoral, imersão, simbolismo, criatividade e responsabilidade ética.

Subvertendo a ordem cronológica, o jornalismo literário foge ao padrão esquemático do jornalismo de pirâmide, estruturado tal qual o desenho de uma pirâmide invertida para responder objetiva e sucintamente às questões imediatas em torno de qualquer fato, no que se convencionou chamar de *lead*, conforme pontuamos. Foge de uma determinada formatação mas não escapa de regras, como adverte Manuel Coutinho (2017, p. 16). Houve momentos, porém, em que o jornalismo literário testou os limites dessa regra, como por exemplo no uso de personagens compostos, construídos a partir de características biográficas de vários entrevistados que o repórter concentra num único personagem. Embora o expediente tensione a fronteira entre fato e ficção e, historicamente, já tenha sido tachado de fraude no jornalismo, “é no aspecto da representação de um coletivo ou de uma época que se encontra seu valor e, nesse sentido, podemos afirmar que existe uma representação honesta da realidade, apurada por meio de técnicas jornalísticas” (Martinez, Correia e Passos, 2015, p. 247).

Em que pese o jornalismo de pirâmide ter se estabelecido como hegemônico há muito tempo, sendo o formato mais ajustado à demanda contemporânea por informações atualizadas de modo recorrente, o jornalismo literário nunca perdeu espaço definitivamente. Especialmente em veículos de comunicação impressos, como livros e revistas, além de seções dedicadas a reportagens especiais, cadernos culturais e suplementos literários de jornais, independentemente da periodicidade e, com mais força nos últimos anos, veículos online, que podem agregar sons e vídeos a textos e imagens.

4. O jornalismo literário na história: antecedentes no mundo

As origens do jornalismo literário não se encontram em uma única matriz, se considerarmos os diferentes países em que o formato apareceu, de forma independente e sem manifestar vinculação explícita com experiências similares anteriores. Tendo como base estudo de Norman Sims (2007), Mateus Yuri Passos localiza temporalmente esse desenvolvimento entre os séculos 18 e 20, dando um exemplo de ponto de partida no mundo anglófono, com as *sketches* que se popularizaram a partir dos anos 1820, um gênero análogo à crônica brasileira, com alguns momentos de influência

mútua (Passos, 2017, p. 87). Voltando ainda mais no calendário, se pensarmos em antecedentes históricos, podemos encontrar em nomes clássicos da literatura e do teatro, em escala internacional, fontes de inspiração para escritores e jornalistas que os sucederam séculos depois, como grandes professores da descrição, da criação de ambientes e da narração de feitos relevantes – como William Shakespeare, Fiódor Dostoiévski, Charles Dickens e Eça de Queirós. Este serve de exemplo para análise de Carlos Reis (2015) sobre as dimensões da descrição da personagem: funcional, representacional e narratológica. A dimensão narratológica é a que mais nos interessa, pois se relaciona com a articulação semionarrativa desta categoria do relato, convocando códigos “que em boa parte condicionam a hierarquização da personagem e a sua configuração” (Reis, 2015, p.18), como “focalizações, tratamentos do tempo, regimes de enunciação e registros estilísticos” (idem). Numa boa descrição do jornalismo literário, identificamos facilmente estes elementos.

Herrscher traz uma afirmação do escritor e jornalista polonês Ryszard Kapuściński (1932-2007) de que é no romance realista do século 19 que está grande parte do embrião das ferramentas utilizadas pelos jornalistas literários contemporâneos (Herrscher, 2012, p. 69). Entre elas, destaque para a invenção do ponto de vista e da voz do narrador, que pode variar entre muitos lugares e personagens da história, bem como para as narrações e descrições impressionistas, capazes de nos transportar, na condição de leitores, para dentro das cenas narradas, como se tivéssemos feito parte delas, nos permitindo recriar movimentos e cenários com alto grau de detalhamento.

5. Antecedentes no Brasil e nos Estados Unidos

Em estudo historiográfico sobre o jornalismo literário no Brasil, Mateus Yuri Passos identifica cinco períodos cronológicos diferentes (2014). O inicial ele chama de Jornalismo Literário Brasileiro Prematuro, entre 1840 e 1965, quando escritores de não-ficção, alinhados aos estilos romântico e modernista, praticaram jornalismo especialmente por meio de crônicas, narrando acontecimentos da vida urbana com tons pendendo ora para o humor ora para a investigação. Em 1966, os lançamentos do *Jornal da Tarde* e da revista *Realidade*, reunindo talentosos e jovens jornalistas que aplicavam técnicas literárias sob temas e ângulos audaciosos, abriram o segundo período, qual seja,

a Primeira Onda do jornalismo literário brasileiro, compartilhando estilos, métodos e objetivos.

O declínio de Realidade deu início a um longo Interlúdio (terceiro período) entre meados dos anos 1970 e início dos 2000, o que não significa que o gênero tenha hibernado, mas se restringiu a poucos jornalistas e escritores que publicaram perfis em revistas e converteram em livros suas grandes-reportagens. Com o mercado editorial retraído e indisposto a apostar em novos e arriscados projetos, o ambiente universitário se mostrou um prolífico espaço para a experimentação e inovação na área, momento em que se deu a Renascença Acadêmica (quarto período), capitaneada pelos professores Edvaldo Pereira Lima e Cremilda Medina, da Universidade de São Paulo. Com uma diferença conceitual sensível: enquanto Edvaldo abraçou o termo jornalismo literário, explorando-o em diversas aplicações, Cremilda nunca se colocou publicamente como pesquisadora ou interessada em jornalismo literário. Porém, nas narrativas da contemporaneidade exaltadas pela acadêmica luso-brasileira encontramos elementos característicos do jornalismo literário em sua plenitude – humanizado, afetuoso, complexo.

Por fim, o quinto período da historiografia do JL no Brasil: a Segunda Onda representa, desde o final dos anos 2000 até os dias de hoje, o ressurgimento do espaço para reportagens de jornalismo literário em jornais, revistas e editoras, com o crescimento das vozes de escritoras e jornalistas mulheres.

É considerável a influência da tradição norte-americana sobre a produção brasileira de jornalismo literário, visto que veículos de comunicação, jornalistas e escritores estadunidenses se tornaram referências internacionais para praticantes e admiradores do gênero, especialmente durante o século 20. Bem antes disso, uma forma primitiva de jornalismo literário já podia ser notada no século 18, em correspondências entre os escritores Samuel Johnson e James Boswell, comentando sobre textos e livros um do outro por meio de narrativas da realidade cheias de imagens (Hartsock, 2000, p. 24).

No século 19, escritores buscaram aplicar técnicas da redação novelística em textos sobre a vida real de comunidades e moradores de regiões específicas. Foi por volta dos anos 1890, pós-Guerra Civil, que o jornalismo literário norte-americano, narrativo por natureza, engatinhou de modo mais consistente, quando os primeiros esboços do romancista Stephen Crane começaram a aparecer, revelando histórias de interesse humano sobre a vida diária numa Nova Iorque

em expansão (Hartsock, 2000, p. 25). São enumerados três fatores convergentes para a eclosão do jornalismo literário nessa época: a adoção de técnicas comumente associadas com a ficção realista (escrita novelística) - diálogo, construção cênica, detalhamento concreto e descrição de atividades -; o exercício de jornalistas cujos meios industriais de produção e expressão foram, para a maioria, o jornal e a revista impressa; e uma nova consciência crítica que a forma como praticada poderia ser literária (Hartsock, 2000, p. 23).

Essa história, entretanto, não seria a mesma sem a presença de uma revista lançada em 1925 por Harold Ross e Jane Grant. Ross gostava de chamar a *The New Yorker* de “semanário cômico”, pois o humor e a ironia eram traços marcantes das reportagens e perfis desse celeiro de afiados jornalistas - que por mais talentosos que fossem, não escapavam das observações e edições rigorosas dos editores da publicação em seus textos. Em sua tese de doutorado, Renata Carraro aponta que, assim como o jornalismo literário pode ser considerado o berço espiritual do perfil jornalístico, os Estados Unidos e a publicação que leva o nome de *Nova Iorque* podem ser considerados os berços materiais do gênero (Carraro, 2019, p. 110).

Porém, a edição de 31 de agosto de 1946 abdicou do tradicional espaço do riso e habituais seções fixas para veicular uma grande-reportagem especial, assinada por John Hersey, enviado para cobrir o pós Segunda Guerra Mundial em países do Oriente: “*Hiroshima*”. O trabalho seria publicado em série, mas os editores preferiram veiculá-lo na íntegra de uma vez só. O que se seguiu foi a maior repercussão de uma reportagem de que se tem notícia no mundo (Roiland, 2022). Segundo Mateus Yuri Passos, *The New Yorker* tomou as rédeas de catalisar a produção de jornalismo literário nos EUA, onde se via um ambiente editorial estimulante para a publicação de textos da modalidade (Passos, 2014, p. 98).

Atual editora da *The New Yorker*, para a qual colabora também como redator, David Remnick destaca que a publicação batizou o formato texto biográfico sobre uma pessoa com o nome perfil⁵, já nos primeiros anos de sua trajetória. *The New Yorker* não só introduziu o perfil no cotidiano da profissão, como o consolidou pela combinação entre jornalismo e literatura, gerando textos célebres graças ao talento de escritores incentivados a praticar jornalismo literário por excelência.

Não foi caso isolado. Outros veículos se notabilizaram no século 20, como a revista *Esquire*, que abrigou nomes como Norman Mailer, Tom Wolfe e Gay Talese, autor de um impagável perfil de Frank

Sinatra mesmo sem ter conseguido entrevistá-lo⁶. O revigoramento do jornalismo estadunidense, capitaneado por escritores que trouxeram para a prática jornalística as mais refinadas técnicas de ficção, radicalizando o exercício do jornalismo literário, ficou marcado como *New Journalism*⁷, com sua fase efervescente nos anos 1960. Esse “movimento” ressoou e inspirou praticantes em outros países, como no jornalismo brasileiro desde então. Segundo Marcelo Bulhões (2007, p. 145), o *New Journalism* não pode ser considerado um movimento porque “não despontou com um delineamento de ideias estabelecidas por um grupo coeso de representantes. Foi mais uma atitude que se processou na fluência de uma prática textual desenvolvida em alguns jornais e revistas americanas”. Corrobora para esse entendimento o fato de que o manifesto do *New Journalism* foi publicado por Tom Wolfe quando a tendência já minguava, ao contrário do usual quando um movimento surge com uma declaração pública de afirmação logo de início.

6. Modernismo e realismo no jornalismo literário

Em estudo, David Eason aponta que o *New Journalism* emergiu para dar forma a mudanças culturais do final dos anos 1960 ao passo que revitalizava a reportagem como uma forma de contação de histórias (Sims, 1990, p. 191). Ele enxerga duas abordagens diferentes que os jornalistas adotavam, em relação às tradições do jornalismo: a realista, vista nas reportagens de Tom Wolfe, Gay Talese e Truman Capote, coloca o jornalista ao lado do leitor na posição de observador, pois o primeiro está motivado a explicitar ao máximo a realidade, ou vida real, conforme conseguiu captá-la, sem incluir julgamentos próprios. Já a modernista, identificada nas narrativas de Joan Didion, Norman Mailer e Hunter Thompson, coloca o jornalista e o leitor como criadores da realidade, que não se encontra exterior a eles, mas sendo cocriada com eles e os demais personagens do texto.

No formato realista, calcado em ‘mostrar as coisas como elas são’, a experiência se organiza pela dualidade entre realidade e imagem: o jornalista deve ir além da imagem para revelar a realidade que ela esconde. No modernista, baseado na fruição do agora, descreve-se um mundo em que realidade e imagem se interconectam. Para o realista, o que interessa é a realidade subjetiva do sujeito sobre quem o jornalista escreve, não a do jornalista. O modernista não faz

essa exclusão. “Nos textos modernistas, a história que é contada não é uma que se descobre pelo mundo, mas em vez disso é a história dos esforços do escritor para impor uma ordem a esses eventos”, frisa Eason (Sims, 1990, p. 200).

Intervenção na história que não pode sucumbir à tentação de se tornar dono dela, ou mesmo a história em si, como máximo protagonista, perigo alertado por Manuel Coutinho (2017). É um risco real, para o jornalista literário de postura modernista, que pode acarretar consequências tão graves quanto a ficcionalização de cenas e diálogos narrados como verídicos, afastando o leitor da verdade dos fatos.

Mateus Passos também trata dessas vertentes de vozes enunciativas, retomando a diferenciação de Eason. A respeito do grupo de repórteres que “evita incluir conteúdo opinativo, ou prefere fazê-lo por meio de descrições metafóricas ou comparações sem emitir diretamente juízo a respeito de pessoas e ações”, ou seja, os jornalistas literários ‘realistas’, Passos os denomina *empiricistas*, pois “tomam como pressuposto a viabilidade de se apreender e reconstruir em texto uma realidade externa existente *a priori*” (Passos, 2017, p. 3).

Em relação ao grupo oposto, os repórteres ‘modernistas’, Passos os considera *fenomenologistas*, pois

se propõem a apresentar uma apreciação e narração de acontecimentos e pessoas a partir de suas próprias lentes, de seus filtros culturais e ideológicos, e não se contêm no que toca ao oferecimento de opiniões, pois compreendem seu papel não como o da mediação isenta, mas como o da interpretação da realidade – embora ainda baseada na apuração de fatos e na realização de entrevistas (Passos, 2017, p. 3);

7. Considerações Finais

De acordo com Manuel Coutinho, o jornalismo literário “é criado por um jornalista que mergulha em seu próprio trabalho, colocando uma parte de si mesmo no resultado final” (Coutinho, 2018, p. 99). Sendo assim, concluímos que os jornalistas literários realistas põem muito menos de si nos seus textos finais do que os modernistas. Diferenças à parte, essas maneiras bem delineadas de exercer a reportagem enriquecem o jornalismo literário, cada qual no seu modo de investigar e apresentar a realidade, sem que seja preciso estabelecer a primazia de uma sobre a outra.

Em que pesem divergências conceituais em torno do que se compreende por jornalismo literário, e de como ele se manifesta,

podemos concluir que o formato se estabeleceu como alternativa clara ao jornalismo de pirâmide, em sua proposta de aprofundamento da reportagem e incorporação de recursos e de uma estética literária. Está evidente também seu potencial para superar a superficialidade e a aridez da cobertura jornalística apressada, predominante atualmente, quando o repórter se dispõe a imergir nos processos e relações humanas em torno dos fatos, munido de um olhar sensível diante do contexto, das circunstâncias e dos detalhes que ilustram tais fatos, e para traduzir essa complexa leitura da vida real por meio de um texto que não oculte seu estilo e voz autoral nem se prive da expressão poética, se o repórter-narrador assim desejar. Quando esses elementos se combinam e a narrativa se materializa, quem tende a ganhar são todos que terão a oportunidade de a ler.

NOTAS

- 1 No original: “‘Literary Journalism’ is by no means the universal designation for the form”.
- 2 Outra ideia associada ao conceito de Arte-Jornalismo é a da produção artística que incorpora práticas jornalísticas, como a entrevista, o levantamento documental, a pesquisa de arquivo e a observação em campo. Para saber mais, consulte Moraes e Dos Anjos (2020).
- 3 Em espanhol, “crónica” se refere à reportagem narrativa. Há também o uso primeiro do termo crônica para designar registros históricos sem tensão narrativa (também denominado “crónica” em espanhol e “chronicle” em inglês). Em inglês, há um gênero semelhante à crônica brasileira, denominado “sketch” (Sims, 2007).
- 4 O primeiro a falar em Novela (ou Romance) de Não-Ficção foi Truman Capote, ao classificar seu livro *A Sangue Frio* (1966), reportagem investigativa no estilo literário (Capote, 1966). Embora o considerasse “imaculadamente factual” (Clarke, 1993, p. 338), foi constatado que no decorrer da obra o autor “cedeu a algumas poucas invenções” (Clarke, idem).
- 5 Segundo Vilas-Boas, o perfil, “gênero nobre do jornalismo literário, é um tipo de texto biográfico sobre uma - uma única pessoa viva, famosa ou não” (Vilas-Boas, 2014, p. 271).
- 6 Talese foi enviado a Los Angeles para entrevistar Sinatra, que,

gripado e irritado, se recusou a atendê-lo. O jornalista seguiu os passos do cantor, observando-o atentamente, e falou com pessoas do seu entorno, como familiares, amigos e assessores. O resultado foi “Frank Sinatra Has a Cold”, publicado em abril de 1966.

- 7 Em 1973, Tom Wolfe e Edward Warren Johnson editaram o livro “The New Journalism”, que traz um manifesto e uma coletânea de textos de escritores estadunidenses praticando jornalismo literário (Ver Referências).

REFERÊNCIAS

Abib, T. A. (2015). *O Jornalismo de Desacontecimentos: proposições para um novo fazer noticioso*. Saarbrücken, Alemanha: Novas Edições Acadêmicas.

Anderson, S. (1970). *Puzzled America 1935*. Mamaroneck, NY: Paul P. Appel.

Assis, F. (2011, Abril 28-30). *Primórdios do jornalismo diversional no Brasil: uma introdução à luz de desacordos*. In: VIII Encontro Nacional de História da Mídia, Unicentro, Guarapuava, Brasil. Recuperado de: <https://silo.tips/download/primordios-do-jornalismo-diversional-no-brasil-uma-introducao-a-luz-de-desacordos>

Assis, F. (2015, Janeiro-Julho). As duas faces de uma mesma prática: relações possíveis entre jornalismo diversional e jornalismo literário. *Coneção - Comunicação e Cultura*, Caxias do Sul, v. 14, n. 27, pp. 31-46.

Assis, F. (2016, Janeiro-Junho). Jornalismo diversional: a diversão pela forma. *Revista Libero*, São Paulo, v. 19, n. 37, pp. 143-152. Recuperado de: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/444>

Athitakis, M. (2012, Junho 07). NBCC Reads: Critical Views on Literary Journalism. *Critical Mass*, online. Recuperado de: <https://www.bookcritics.org/2012/06/07/critical-views-on-literary-journalism/> (a)

Athitakis, M. (2012, Junho 08). NBCC Reads: Critical Views on Literary Journalism. *Critical Mass*, online. Recuperado de: <https://www.bookcritics.org/2012/06/08/norman-sims-on-literary-journalism/> (b)

Bernal, S., Chillón, L. A. (1985). *Periodismo Informativo de Creación*. Barcelona, Espanha: Editorial Mitre.

Borges, R. (2013). *Jornalismo Literário: Análise do Discurso*. Florianópolis, Brasil: Editora Insular.

Brum, E. (2017). *O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real*. Porto Alegre, Brasil: Arquipélago Editorial.

Bulhões, M. (2007). *Jornalismo e literatura em convergência*. São Paulo, Brasil: Ática.

Candido, A. (1992). *A Crônica: O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, Brasil: Unicamp.

Capote, T. (1966, Janeiro 16). *The Story Behind a Nonfiction Novel*. The New York Times, p. 2. Entrevista concedida a George Plimpton. Recuperado de: https://archive.nytimes.com/www.nytimes.com/books/97/12/28/home/capote-interview.html?_r=1

Carraro, R. (2019). *Narrar é preciso: Uma viagem pela teoria e prática do perfil jornalístico*. [Tese de Doutorado em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade Metodista de São Paulo.

Chalaby, J. (2003). O jornalismo como invenção anglo-americana: comparação entre o desenvolvimento do jornalismo francês e anglo-americano (1830-1920). *Media & Jornalismo*. Lisboa, Portugal, v.3, pp. 29-50. Recuperado de: <https://fabricadesites.fcsh.unl.pt/polocidigital/wp-content/uploads/sites/8/2017/02/n3-03-Jean-Chalaby.pdf>

Clarke, G. (1993). *Capote: Uma biografia*. Tradução de Lya Luft. São Paulo, Brasil: Globo.

Conceição, C. S., Del Vecchio-Lima, M. (2020, Novembro 3-6). *Gênero híbrido em metamorfose: análise das características jornalístico-literárias nas edições da plataforma digital UOL TAB (2014-2018)*. In: 18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, online, pp. 1-17. Recuperado de: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/68529>

Cosson, R. (2001). *Romance-reportagem: o gênero*. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado.

Coutinho, M. (2017). Desafios para a historiografia do jornalismo literário português. *Comunicação Pública*. Lisboa, Portugal, v. 12, n. 22, pp. 1-35. Recuperado de: <https://journals.openedition.org/cp/12866>

Coutinho, M. (2018). *21st century literary journalism: narrative techniques and the concept of plot and hero*. [Tese de Doutorado in Science Communication, Universidade Nova de Lisboa]. Recuperado de: <https://run.unl.pt/bitstream/10362/49928/1/Tese.pdf>

Gutkind, L. (1997). *The Art of Creative Nonfiction: Writing and Selling the Literature of Reality*. Nova Iorque, NY: John Wiley & Sons.

Hart, J. (2021). *Storycraft: The Complete Guide to Writing Narrative Nonfiction*. Chicago, IL: University of Chicago Press.

Hartssock, J. (2000). *A history of American literary journalism: the emergence of a modern narrative form*. Amherst, OR: University of

Massachusetts Press.

Hartsock, J. (2016). *Literary Journalism and the Aesthetics of Experience*. Amherst and Boston, OR: University of Massachusetts Press.

Herrscher, R. (2012). *Periodismo narrativo: cómo contar la realidad con las armas de la literatura*. 3. ed. Barcelona, Espanha: UBe.

Hersey, J. (2002). *Hiroshima*. Tradução Hildegard Feist. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras.

Ijuim, J. (2012, Maio-Agosto). Humanização e desumanização no jornalismo: algumas saídas. *Revista Comunicação Midiática*. v.7, n. 2, pp. 117-137. Recuperado de: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/290>

Leal, B. S. (2022). *Introdução às narrativas jornalísticas*. Porto Alegre, Brasil: Sulina.

Lima, E. P. (1993). *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Campinas, Brasil: Unicamp.

Lima, E. P. (2009). *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. 4. ed. Barueri, Brasil: Manole.

Longhi, R., Winkes, K. (2015). The place of longform in online journalism: quality versus quantity and a few considerations regarding consumption. *Brazilian Journalism Research*, v. 11, n. 1, pp. 104-121. Recuperado de: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/808>

Loth, R. (2014). *Ver, pensar e escrever (como) um animal: devires do inumano na arte/literatura*. [Tese de Doutorado em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina]. Recuperado de: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/123378>

Lounsbury, B. (1990). *The Art of Fact: Contemporary Artists of Nonfiction*. Nova Iorque, NY: Greenwood.

Martinez, M. (2016, Maio). Reflexões sobre Jornalismo e História Oral: um campo com mais convergências do que dissonâncias. *Revista Observatório*. Palmas, v. 2, n. 1, pp. 75-91. Recuperado de: https://www.researchgate.net/publication/305485772_Reflexoes_sobre_Jornalismo_e_Historia_Oral_um_campo_com_mais_convergencias_do_que_dissonancias

Martinez, M., Correia, E. L., Passos, M. Y. (2015, Julho-Dezembro). Entre fato e ficção: personagens compostos e fictícios ou fraude em jornalismo? *Estudos em Jornalismo e Mídia*. Florianópolis, v.12, n. 2, pp. 238-250. Recuperado de: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2015v12n2p238>

Medina, C. (1996). *Povo e personagem*. Canoas, Brasil: Ulbra.

Melo, J. M., Assis, F. (2010). *Gêneros jornalísticos no Brasil*. São Bernardo do Campo, Brasil: Umesp.

Moraes, F., Dos Anjos, M. (2020). Arte-jornalismo: representação, subjetividade, contaminação. *Lumina*, [S. l.], v. 14, n. 2, pp. 39–54. Recuperado de: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/30099>

Moraes, V., Ijuim, J. (2009). *Jornalismo de profundidade: O jornalismo literário de Realidade (1966-1968)*. PJ:BR, v.6, n.12. Recuperado de: https://pjbrc.eca.usp.br/arquivos/artigos12_d.htm

Motta, L. G. (2004, Dezembro). Jornalismo e configuração narrativa da história do presente. *Revista e-compós*, ed. 1. Recuperado de: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/8>.

Myers, D. G. (2012, Junho 08). The decline and fall of literary journalism. *Commentary Magazine*. Recuperado de: <https://www.commentary.org/d-g-myers/literary-journalism-then-now/>.

Nicolato, R. (2015, Janeiro-Junho). Retrato de uma nação: o conto-reportagem em “Ô Copacabana!”, de João Antônio. *Revista UNINTER de Comunicação*, v.3, n.4, pp. 61-83. Recuperado de: <https://www.revista-suninter.com/revistacomunicacao/index.php/revista/article/view/580>

Passos, M. Y. (2014). A critical overview of Brazilian literary journalism: yesterday, today, and tomorrow. In: KEEBLE, Richard; TULLOCH, John. *Global Literary Journalism: Exploring the Journalistic Imagination*. Nova Iorque, NY: Peter Lang, v. 2, pp. 95-107.

Passos, M. Y. (2017). *De fontes a personagens: definidores do real no jornalismo literário*. In: 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba, Brasil: Universidade Positivo. Recuperado de: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-3009-1.pdf>.

Pena, F. (2006). *Jornalismo Literário*. São Paulo, Brasil: Contexto.

Pinto, S. R. (2005). *Tramas e Mentiras: Jogos de verossimilhança*. Rio de Janeiro, Brasil: 7 Letras.

Rêche, D. (2009). *Narrativas da vida real: alternativa ao jornalismo tradicional?* [Dissertação de Mestrado em Estudos Literários, Universidade Federal de Juiz de Fora]. Recuperado de: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/3440/1/danielawerneckladeirareche.pdf>

Reis, C. (2015). *Pessoas de livro: estudos sobre a personagem*. Coimbra, Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Remnick, D. (2001). *Life stories: profiles from The New Yorker (Modern Library Paperbacks)*. Nova Iorque, NY: Random House Publishing Group.

Roiland, J. (2017, Maio 11-13). *Hidden in Plain Style: The Anti-Bomb Politics of John Hersey's Hiroshima*. In: International Association for Literary Journalism Studies Annual Conference. Halifax, Canadá: University of King's College.

Silva, G. C. (2010). *Jornalismo Literário: Uma introdução*. Brasília, Brasil: Casa das Musas.

Sims, N. (org.). (1990). *Literary journalism in the twentieth century*. Nova Iorque, NY: Oxford University Press.

Sims, N. (2007). *True Stories: A Century of Literary Journalism*. Evanston, IL: Northwestern University Press.

Talese, G., Lounsbury, B. (1996). *Writing Creative Nonfiction: The Literature of Reality*. Nova Iorque, NY: HarperCollins.

Traquina, N. (2005). *Teorias do Jornalismo: a tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional*. Florianópolis, Brasil: Insular, v.2.

Vilas-Boas, S. (2003). *Perfis e como escrevê-los*. São Paulo, Brasil: Summus.

Vilas-Boas, S. (2014). *Perfis: o mundo dos outros 22 personagens e 1 ensaio*. 3. ed. Barueri, Brasil: Manole.

Weber, R. (1980). *The Literature of Fact: Literary Nonfiction in American Writing*. Athens, OH: Ohio University Press.

Wolfe, T., Johnson, E. (1973). *The New Journalism*. Nova Iorque, NY: HarperCollins College Div.

BRUNO PESSA é Mestre e Doutor em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, Especialista em Jornalismo Literário pela Academia Brasileira de Jornalismo Literário e Bacharel em Jornalismo pela Universidade Estadual Paulista. Atua no mercado profissional da Comunicação desde 2005. E-mail: brupessa@yahoo.com.br

Dois pareceres utilizados na avaliação deste artigo pode ser acessado em <https://osf.io/jbzfz> e <https://osf.io/hmur2> | Seguindo a política de ciência aberta da BJR, os avaliadores autorizaram a publicação do parecer e a divulgação de seus nomes.